



## GRAFISMOS INDÍGENAS – DESDOBRAMENTOS SOB NOSSA CULTURA

Vinícius Bardi Castilho\*<sup>1</sup>  
Danillo Gimenes Villa – Orientador<sup>2</sup>  
Marli Lino - Supervisora

Eixo Temático: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

**Introdução:** Neste documento relato minha regência de aulas/oficinas planejadas por meio das leis de implementação da história e da cultura Indígena no âmbito da Educação Pública, com jovens devidamente matriculados no 8º ano do ensino fundamental. Uma experiência possibilitada através do Programa de Iniciação à Docência Pibid e realizada na instituição Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, situada na Avenida São João, número 965. A atividade que relato aqui, é uma aula construída com o auxílio da supervisora Marli Lino, na qual pensamos juntos na produção de Grafismos Pré-Históricos e Indígenas brasileiros, como forma de preencher a zona de estudos dos elementos formais artísticos, tais quais os elementos histórico-críticos presentes nas diretrizes educacionais regionais.

**Objetivos:** Conscientizar os alunos sobre a importância de mantermos estas expressões culturais vivas em nossa contemporaneidade, através de diálogos e oficinas, enfatizando que estas produções são parte fundamental de nossa cultura visual. Criar um sentimento de pertença com estes alunos, para que os mesmos visualizem a dificuldade que estes povos encontram em nossa atualidade, levando em conta todos os retrocessos que estamos sofrendo nas áreas da educação e cultura nacional.

<sup>1</sup> <sup>1</sup>Licenciando do curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista PIBID. E-mail: [vb.castilho@gmail.com](mailto:vb.castilho@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor do curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Curados do Departamento da Artes Plásticas da UEL. Orientador do programa PIBID. E-mail: danillodap@gmail.com



**Referencial Teórico:** Visando o estudo e prática de Paulo Freire (1980) acerca da conscientização dos alunos, acredito que este tipo de prática gera um saber que está intrinsecamente ligada a uma postura de compromisso com a nossa própria história, pois

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos (FREIRE, 1980, p. 28).

Como fonte principal de imagens e estudos utilizei produções artísticas pré-históricas brasileiras, mais especificamente a cultura Meridional, fomentações artísticas-visuais que são antecessoras das pinturas, linhas, texturas e costumes que encontramos até hoje nas culturas de nossos povos nativos. Este material foi retirado do livro *Arte Pré-Histórica Brasileira*, escrito pelo antropólogo André Prous (2007).

**Metodologia:** Junto com minha supervisora, montamos um planejamento que se desdobraria ao longo de três aulas que serão descritas abaixo. Criamos uma atividade que a partir da criação de estêncis em folhas finas de acrílico e papelões e através dos elementos gráficos apresentados e debatidos durante as aulas por meio das imagens, os alunos deveriam se apropriar destas expressões artísticas (como a linha, a cor, a textura) para criar suas próprias estampas, que seriam pintadas sobre camisetas para que eles usassem no dia-a-dia.

Na primeira aula pedi para que os alunos se organizassem em um círculo em volta da parede, local onde eu apresentaria os slides, este modo de organização é fundamental para que eu consiga ver e conversar com todos os alunos de maneira igualitária, esta organização também permite que os alunos olhem para seus colegas de sala enquanto eles discorrem sobre



o que estão pensando, criando um espaço democrático de trocas. Durante a aula, para além dos elementos formais que debatemos e observamos, iniciamos um debate sobre a importância de conhecermos nossa cultura. A escola é situada em um área próxima a várias complexos habitacionais da cidade de Londrina, atendendo jovens de famílias em situações vulneráveis, faz parte do contexto sócio-político da escola a participação de famílias com descendentes Afro-brasileiros e Indígenas. Conteí para eles sobre a obrigatoriedade do ensino da história das culturas afro-brasileiras e indígenas, alguns dos alunos me diziam que não entendiam o porquê “disto” ser obrigatório, expliquei que para além de um compromisso histórico que temos com estes povos, o estudo destas culturas são imprescindíveis para a construção de uma identidade nacional própria, pois quase sempre estamos aprendendo sobre os desdobramentos da cultura portuguesa no Brasil, e se não fosse pela obrigatoriedade jamais sairíamos deste campo de estudos pós-coloniais.

No final desta aula precisei fazer um acordo com os alunos, quando a diretora da escola soube que utilizaríamos estiletes ela achou que seria uma ideia arriscada, visando que alguns dos alunos possuíam um histórico de brigas. No acordo fui muito claro com todos, disse que todos ali já possuíam idade suficiente para saber que o estilete era um material perigoso se não tomássemos cuidado, e que se cada um não fosse responsável por sua ação iria acabar com a proposta de atividade pensada para todos, os alunos me respondiam com olhares penetrantes, sentiam que eu estava ali falando de igual para igual e que estávamos juntos preparando uma atividade incrível, todos me deram sua palavra de que seriam responsáveis e tomariam os devidos cuidados.

Na segunda aula foi o momento de todos pensarem em como iriam organizar os elementos para criarem suas gravuras, trabalhar com o estêncil não é um raciocínio simples, durante o processo estávamos desenhando no lado negativo na imagem, isso deve gerar alguns raciocínios lógicos, como a forma de corte que deve sempre se interligar por algum ponto, sobre a impressão que é o extremo oposto do que desenhamos na matriz e também demanda de uma certa técnica com o estilete, técnica está que só pode ser apreendida durante a prática.



*Figura 1 – Aluna durante processo de criação do desenho. Foto Marli Lino*



*Figura 2 – Aluno durante fase de recorte das imagens. Foto Marli Lino*





Na terceira aula havíamos planejado que a maioria dos alunos estariam com suas matrizes prontas e seria a hora de pintar as camisetas com tinta tecido. Diferente do que tínhamos pensado, muito dos alunos não estavam com suas matrizes prontas, o que precisou de um certo desdobramento meu com minha supervisora dentro da sala, dividimos a turma em duas partes, uma com os alunos que precisavam de auxílio para concluir suas matrizes e outra com os alunos que já estavam com suas camisetas prontas para impressão. Fiquei responsável por auxiliar os alunos na impressão das matrizes.

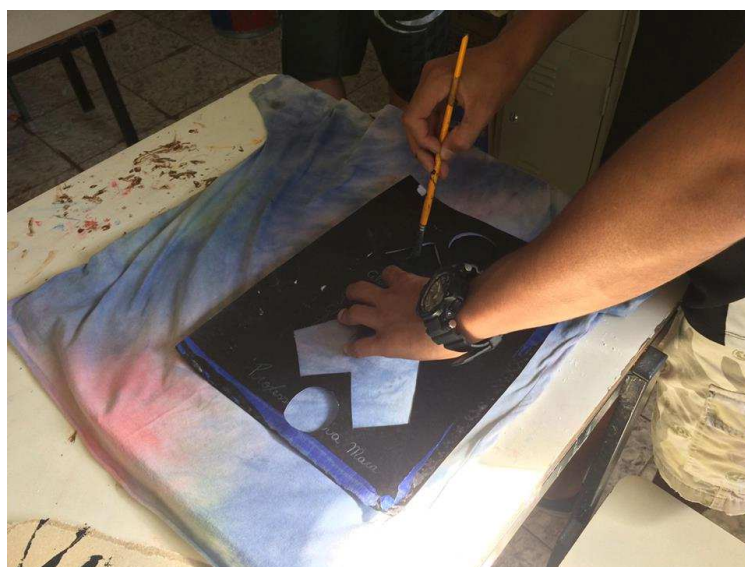
Primeiramente expliquei que o tecido que utilizaríamos para pintar era o algodão, então deveríamos ir aplicando a tinta aos poucos, para que o algodão não sugasse demais a cor e se espalhasse para fora das áreas planejadas, também pedi para que se atentassem em deixar o local de impressão na camisa bem esticado, usando uma capa de caderno por baixo, com o fim de não criar rugas na camiseta durante o processo de impressão. Chamei uma aluna para utilizar de exemplo para os demais, pedi para que ela realizasse a sua impressão e conforme precisasse fui dando as dicas para ela, no final da impressão a mesma se impressionou com o mesmo trabalho. A surpresa acontece, pois saímos do campo negativo no qual estávamos pensando e vemos a impressão no lado positivo da imagem, por mais que planejemos e nos organizemos para o resultado sair como o esperado, durante a impressão algumas novidades possibilitadas pelo material acontece, cria-se uma relação inédita com o projeto.



Figura 3 – Aluna realizando sua primeira impressão com tinta. Foto Marli Lino



Depois, enquanto os alunos iam realizando suas impressões eu fiquei andando entre eles e os auxiliando conforme precisassem. A maioria das impressões deram certo, pois os alunos demonstraram verdadeiro apreço pelo que estavam fazendo, para além de imprimir, eles estavam criando uma roupa com estampas próprias, roupas que utilizariam em seus círculos de convívio social, com um verdadeiro sentimento de pertencimento com estas roupas, que mesmo indiretamente, expressam parte do seu fazer artístico e de suas apreensões sobre o estudo de nossa cultura nacional.



*Figura 4 – Aluno realizando a impressão de seu trabalho na matriz. Foto Marli Lino*

**Análise de Dados:** Trabalhar com os estudantes nos intriga a pensar sobre como se constrói e sobrevive a cultura no meio que estes jovens habitam. Quando apresentamos o tema, à princípio nenhum deles nos disse sobre o que conheciam da cultura indígena, e ao indagarmos percebíamos que os alunos possuíam uma vaga visão da importância desta cultura para uma identidade nacional própria.

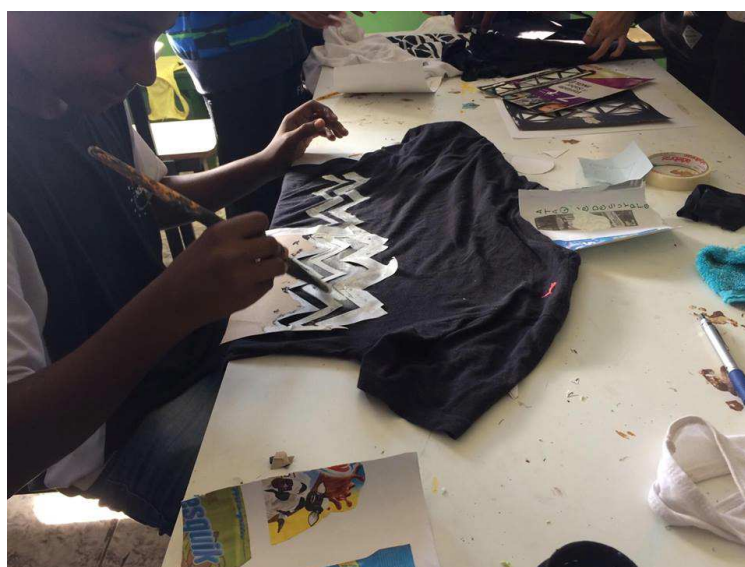
Analisei que este é um assunto que passa despercebido pela vida deles, neste momento pude sentir o quanto é importante que a escola trate destes temas. Pois se no contexto dos alunos - fora da sala de aula - eles não discorrem e não são indagados pela nossa



própria cultura, graças a um processo de esmaecimento acarretado pelo domínio de uma cultura estrangeira, em qual momento da vida eles teriam contato com esta produção?

É imprescindível que a escola leve e aborde esta cultura que possuímos, para isto existe a obrigatoriedade do estudo destas matrizes culturais, é uma forma de resgatarmos a nossa produção artística própria e independente.

**Resultados Alcançados:** Todo este processo foi prático e rápido, e os alunos souberam se organizar muito bem para que nós investigássemos o máximo possível do tema e da prática de gravura. Durante a primeira aula foram poucos os alunos que participaram ativamente nos debates, a maioria preferia ver as imagens e esperar para que explicássemos. Durante a segunda aula quase todos os alunos estavam produzindo as suas matrizes, refletindo sobre os elementos que havíamos estudados, como a linha, as formas geométricas e as relações de cores que fariam. Eles gostaram da ideia de poderem levar o fruto do seu trabalho em suas roupas, vestimentas que utilizariam com seus familiares e amigos, poderiam mostrar para os outros o que estudaram e o que produziram dentro de sala, um tema que fala diretamente sobre sua identidade cultural.



*Figura 5 – Aluno durante processo de impressão do estêncil. Foto Marli Lino.*



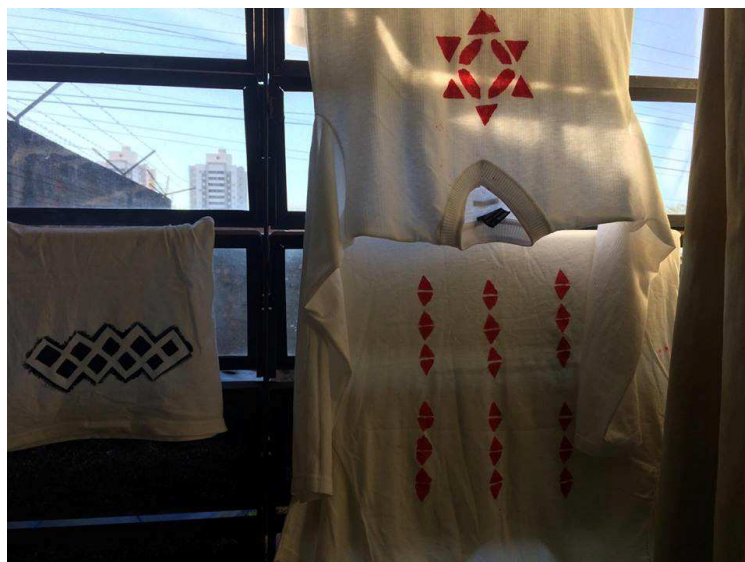


*Figura 6 – Trabalho concluído. Foto Vinícius Bardi*



*Figura 7 – Trabalhos concluídos. Foto Vinícius Bardi*





*Figura 8 – Trabalhos concluídos. Foto Vinícius Bardi*



*Figura 9 – Trabalho concluído. Foto Vinícius Bardi*

**Palavras-Chave:**

Mediação; Escola; Cultura Indígena.



**PRÁTICAS DE INICIAÇÃO  
À DOCÊNCIA NA REGIÃO SUL**  
ENFOQUES. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

II ENLCSUL II PIBID/SUL  
II SEMINÁRIO INSTITUCIONAL PIBID/UNISINOS  
ANfitriã: PROF. DR. MAURICETAYR (UNIVERSITÉ DE MONTRÉAL - CA)

13, 14 E 15 DE DEZEMBRO DE 2017  
UNISINOS - CAMPUS SÃO LEOPOLDO/RS

PIBID UNISINOS

**Referências:**

- FREIRE, P. Alfabetização e Conscientização. In: *Conscientização Teoria e Prática da Libertação*. Cortez e Moralez, 1980.
- PROUS, A. Artes Pré-Históricas do Brasil. In. *A Arte Pré-Histórica do Brasil*. C/ Arte, 2007.